



Viver com Esperança

Curso

Emma Ocaña

Texto

Manuela Silva

Caderno 4

Junho – 2001

www.fundacao-betania.org

Fundação Betânia
Curso: "Viver com esperança"
Orientadora: Emma Ocaña
Rodízio, 29-30 de Junho 2002

VIVER COM ESPERANÇA

Notas sobre o curso

1. Introdução: A história do diálogo entre um passarito e uma pomba "sábia"

Um passarito e uma pomba sábia estavam ambos empoleirados no tronco de uma árvore, em dia de cair neve. O passarito pergunta à pomba quanto pesa um floquito de neve. A pomba, de resposta pronta, diz-lhe que a neve não pesa absolutamente nada. Mas o passarito desconfia da resposta e põe-se a observar a neve a cair, floco atrás de floco. Já contou um milhão e tal deles até que, surpresa máxima, com um n-ésimo mais o tronco que lhe serve de apoio quebra com o peso de mais aquele floquito de neve. Então, disse para a pomba: vês, afinal a neve tem peso...

Lição desta história: só é preciso a solidariedade de uma pessoa mais para que o mundo mude.

A esperança é este floquito de neve que faz a diferença.

Na perspectiva cristã, a esperança não parte do poder ou do muito saber. É antes comparável à pequena semente do grão de mostarda que se transforma num arbusto frondoso ou semelhante à medida de fermento que uma mulher deita na massa, para a levedar.

A esperança encerra em si a potencialidade da transformação do real.

Os nossos olhos não estão habituados a ver a realidade em transformação. É que os meios de comunicação social habituaram-nos a reconhecer como realidade apenas aquilo que eles nos fazem crer como tal. E, mais frequentemente, o que nos dão a conhecer é o que interessa aos poderosos.

Quase sempre, o que é escandaloso é que constitui notícia e nos é apresentado com a realidade.

Há que aprender a descobrir sinais de esperança, descobrir o valor do pequeno, daquilo que está escondido. Quem repara nas duas pequenas moedas da esmola da viúva? Só Jesus reparou nesse seu gesto ...

2. O que é esperar?

O dicionário inclui como sinónimos de esperar os seguintes: contar com, confiar, aguentar, perseverar, crer.

Numa perspectiva meramente semântica, a palavra esperar tem um significado passivo de "aguentar", "estar firme".

Há situações que não podem mudar, mas eu posso sempre mudar-me a mim mesma/o

Há duas boas razões para isso:

- para que a realidade (com a sua negatividade) me não destrua;
- para não acrescentar (com a minha atitude) sofrimento aos outros.

Deixando de lado os casos de doença, ou seja a depressão, que se apresenta como um buraco escuro, e que é preciso tratar, há que procurar desenvolver a esperança através do pensamento, da mente.

Como interpreto e enfrento a desesperança em relação a mim mesma/o, em relação aos outros, em relação à realidade envolvente?

É uma opção: optar por não me deixar desesperar; colocar toda a minha energia em lutar por aquilo que espero e desejo.

A dimensão da esperança é em si mesma uma parte da realidade. Esta não é apenas o factual, mas também o que já nele se contem em potência, o devir, para o qual faltam apenas as condições que o possibilitam. A semente contem em si um crescimento potencial. Há que criar condições para que ele se concretize.

O pior que se pode fazer a si mesmo e aos outros é matar ou enfraquecer a fé nas possibilidades de mudança. Quantas pessoas, ao fim de um encontro interpessoal ou terapêutico, não descobrem as suas potencialidades: “não sabia que era capaz de tanto ...”

O que mata é matar a esperança de poder mudar.

Há que esperar que o outro seja o melhor dele/a mesmo/a (não o que eu penso ou quero que seja!). Isso sente-se em palavras e, sobretudo, pela linguagem não verbal (não esquecer que 75% da comunicação humana é não verbal!).

Vitória Camps, ao reflectir sobre os fundamentos da ética, afirma que “toda a ética tem por detrás a esperança, porque tem por detrás a visão de um mundo melhor. Uma ética sem esperança não se sustenta como ética”.

A esperança de que falamos é uma esperança activa, inseparável da acção, que implica a sua concretização.

Quem crê num mundo melhor, mas nada faz para que isso aconteça, tem uma esperança que nada vale.

Ainda seguindo Vitória Camps: “A vontade de mudar as coisas para as melhorar é a condição necessária para o dever ser”

A esperança tem de ser alimentada.

A insatisfação sem esperança activa conduz à ansiedade e à frustração.

A esperança não é um exclusivo dos crentes; a esperança e a luta por um mundo melhor alimenta a fé de muitas pessoas sem transcendência explícita.

Camus (in La peste), fala na esperança de salvar algumas vidas. Querer ou pretender salvar tudo é “uma fantasia infantil de onipotência”. Cada pessoa só pode um pouco (apenas um floquito de neve mais...)

Saber esperar é um processo sempre inacabado. Supõe um contínuo trabalho de paciência. Este é diferente de resignação, mas antes “um saber dar tempo a que aquilo que tem que ser, possa chegar a ser, sem abortar por pressas ou precipitações”; exige a aceitação da desproporção entre o esforço dispendido e os frutos aparentes desse mesmo esforço. É como um dar à luz de uma nova humanidade, uma nova cultura.

Na situação presente, tomamos cada vez mais consciência de que o velho serve de pouco, mas o novo emergente é ainda muito frágil. Assiste-se a uma mudança qualitativa no pensamento acerca da consciência humana. Os estudos sobre o cérebro apontam para isso.

Esperar e confiar supõem o exercício da minha liberdade, liberdade para acreditar em mim própria, nos outros, na realidade e suas potencialidades de mudança, mas supõe também que eu actuo com coerência em relação aquilo que espero.

3. Esperar confiadamente é hoje particularmente difícil

Poder esperar confiadamente na vida, na realidade, em si mesmo/a, nos outros, em Deus, é, hoje, particularmente difícil. Enumeram-se, de seguida, algumas dessas dificuldades.

a)- Dificuldades psicológicas

A esperança sustenta-se na estrutura psíquica da confiança básica e esta forma-se, sobretudo, nos três primeiros anos de vida. Esta depende de múltiplas situações: como foram dadas respostas às necessidades físicas e afectivas da criança, como foi aceite, desejada ou marginalizada, como se geraram sentimentos de não valia, da baixa auto-estima, sentimento de que me querem por alguma coisa mas não por mim mesmo/a. A pessoa que vive para agradar, acaba por viver na agressividade. Está sempre “cobrando”. Não age senão para obter aplauso, buscar apoio, carinho ou aprovação e reconhecimento. Estas pessoas rejeitam aquilo que mais desejam. São uma espécie de cardo com picos, que quer ser tocado, mas não se deixa tocar, porque logo eriça os seus espinhos. São incapazes de se relacionarem, mas depois queixam-se de que estão sózinhas ...

Situações como estas exigem tratamento adequado.

A esperança teologal não supera estas dificuldades básicas.

Desde muito pequena que a pessoa interpreta como não amor expressões que podem ser de amor, mas que não foram vividas como tal, o que implica que se deva ter grande cuidado em separar o que se faz do que se é.

Por outro lado, o negar sistemático das emoções pode causar muito dano psicológico. Por exemplo, quando chega um novo irmão, há que dar à criança o direito de expressar as suas emoções de ciúme ou de inveja, mas ensiná-la a que tais emoções não devem prejudicar e fazer mal aos outros.

Esperar enquanto virtude humana e teologal é, em todos os tempos, difícil porque, entre outras coisa, exige:

- abandonar o controlo da situação;
- renunciar às nossas fantasias de onipotência (podemos alguma coisa, mas não podemos tudo);
- saber acolher os limites da realidade e os nossos próprios limites de impotência (hoje colocam-se fasquias demasiado altas para os projectos individuais, ou dos pais em relação aos seus filhos);

- saber discernir quando e como as minhas intervenções ajudam o outro ou quando estamos a antecipar imprudentemente o seu próprio desenvolvimento, à semelhança daquela pessoa que, para facilitar a saída da borboleta do seu casulo, o furou e assim prejudicou para sempre as asas da borboleta...;
- saber distinguir quando algo deve ser mudado e quando só nos resta acolher, saber esperar pacientemente, colaborando com o inevitável;
- saber equilibrar o esforço que supõe pôr da nossa parte tudo o que podemos fazer e abandonar o resultado a outras mãos que podem chegar aonde eu não posso chegar (a esperança exige renunciar a ver os frutos imediatos);
- confiar mesmo quando não há razões de esperança e só nos resta transcender e, em última instância, abandonar a Deus a nossa vida e toda a realidade.

b)- Dificuldades especiais do nosso tempo

Há razões objectivas que decorrem dos factos, mas há também interesses programados para que não acreditemos na possibilidade de mudança.

São razões objectivas: a injustiça crescente na repartição da riqueza à escala mundial, a pobreza no mundo nas suas múltiplas facetas, as guerras e outros conflitos, o desequilíbrio ecológico, etc.. Face a estas e outras realidades, fazem-se valer os slogans: disfrutemos o que temos, sejamos realistas, as desigualdades são inevitáveis, o modelo vigente não tem alternativa, etc.

Há intelectuais para quem só o factual existe e são incapazes de conceber alternativas de mudança, acabando por tomar o factual como inelutável.

Assiste-se ao ressurgir da violência, à xenofobia, à corrupção e, face a tudo isto, os jovens estão cada vez mais desencantados de tudo, dos partidos, do futebol, da bolsa, da própria Igreja. As drogas surgem como escape e depois acabam como dependência.

O pensamento dominante é pessimista e desesperançado, um pensamento sem projecto e sem memória. Neste contexto, a esperança surge como uma categoria desprestigiada, algo infantil. Do mesmo modo, o secularismo levou ao abandono da militância nas igrejas estabelecidas e algumas igrejas mais parecem “clubes de reformados”.

Na nossa própria vida pessoal, não faltam também ameaças à esperança (angústia, desconfiança básica, escapadelas pelo activismo, alienação). Estamos mergulhadas/os numa cultura que não favorece o silêncio e a interioridade e sem estes não há mudança pessoal que sustente a mudança na sociedade.

4. Sinais de esperança hoje

Tome-se Ez, 37... onde, diante de um campo de ossos ressequidos, Yahvé ordena ao profeta que profetize sobre aquelas ossadas, confiando no poder do Senhor para que os ossos ressequidos voltem à vida.

O alento na visão profética de Ezequiel vem dos quatro ventos, isto é de todos os lados. Há que começar a dar conta dos esforços que se vão fazendo para surgir um mundo novo: um espírito de justiça e de solidariedade, um espírito tolerante construtor de paz, um espírito de libertação, um espírito que encoraja “uma nova humanidade” que conduza ao mais fundo do ser humano, um espírito personalizador, um espírito contemplativo e religioso, um espírito lúcido e consciente, um espírito de renúncia ao ter em detrimento do ser, um espírito profético, um espírito integrador e unificador, um espírito da imaginação simbólica.

Existe hoje uma multidão imensa de espíritos soprando ventos de vida nova e grupos que se põem de pé para tecer o mundo da solidariedade.

5. Esperar o quê? Qual o conteúdo da esperança?

a)- Perspectiva antropológica

A esperança faz parte da experiência humana. Kant inclui a esperança entre as três questões fundamentais da existência humana: “o que me é dado esperar?” Ernest Bloch no seu livro “*O princípio esperança*” fundamenta a esperança na antropologia; é uma atitude essencial ao ser humano e está associada à utopia. Ao contrário dos outros animais, os humanos têm projectos de futuro; é também por isso que o ser humano se pode decepcionar. Para Ernest Bloch, a esperança não vai desembocar em Deus, mas faz da esperança um princípio último e transcendente.

O que esperamos?

- Esperamos que o real tenha um porquê e um para quê, que estes não sejam fruto do acaso, ou seja que a realidade tenha sentido, um futuro aberto.
- Esperamos que as pessoas, o mundo, o cosmos, possam chegar a ser aquilo a que são chamados a ser.
- Esperamos que seja possível sermos verdadeiramente humanos.
- Esperamos que seja possível o melhor de si mesmo e dos outros.
- Esperamos que a última palavra não seja a morte, mas a vida.
- Esperamos que os verdugos não triunfem indefinidamente sobre as suas vítimas.
- Esperamos que as pessoas, que aparentemente não têm futuro, tenham a recompensa de alguém que seja mais justo que nós.
- Esperamos ...

Mesmo os filósofos ateus deixam uma porta aberta à esperança de uma vida melhor do que esta que conhecemos.

A esperança abre caminho à confiança de que haja futuro para todos e para tudo, o Cosmos, a vida, ...

Não é preciso ser cristão para experimentar a nostalgia de um futuro melhor.

Como humanidade esperamos que tudo tenha um porquê e um sentido. Quando falamos de um futuro aberto esperamos que cada ser possa desenvolver as suas potencialidades. Contudo, há circunstâncias que cortam as possibilidades

desse desenvolvimento, como há recursos que permanecem escondidos ou enterrados sob escombros.

Em qualquer caso, reconhecemos que a morte não é a última palavra; a morte entra em conflito com o nosso desejo mais fundo de imortalidade. Um tal desejo aponta para uma verdade que fica no domínio da esperança pois não pode ser verificada.

b)- Perspectiva teológica

Também na perspectiva teológica cristã, a esperança é uma realidade presente:

- Esperamos verificar as nossas crenças.
- Porque acreditamos que tudo o que existe é fruto de uma decisão amorosa de Deus esperamos que tudo tenha sentido, que não haja realidade, nem tempo, onde o amor de Deus não esteja presente e actuante.
- Esperamos que em Jesus nos seja oferecido o que é ser pessoa humana plena, filhos em quem Deus tem a sua complacência, chamados a colaborar com Ele na construção de um mundo como Deus o sonha. Em Jesus, Deus nos revelou o que é o desenvolvimento do ser humano em liberdade, autonomia, amor. Deus é amor. Em Jesus temos a experiência fundante do amor.
- Esperamos que o amor de Deus derramado no nosso coração nos faça amar como por Ele somos amados.
- Esperamos que por Jesus nos venha a salvação, mas esta não é evidente e por isso é objecto de fé e de esperança. A salvação não exclui o sofrimento e a dor. Jesus morre na cruz.
- Esperamos que nada daquilo que se faz por amor se perca.
- Esperamos o resgate do nosso próprio corpo.
- Esperamos na ressurreição porque acreditamos que Jesus ressuscitou e Ele é o primogénito dos filhos de Deus.
- Esperamos que o termo da nossa vida terrena seja voltar ao Amor original que é mais forte do que a morte e que essa seja a última palavra sobre toda a nossa vida e toda a realidade.
- Em definitivo, o que espera a esperança cristã é esse dom de Deus mesmo, no aqui e agora da história e no tempo, sem tempo, da eternidade. “A nossa esperança está colocada no Deus vivo, que é o salvador de todos os humanos.” (I Tim 4,10).

A notícia da esperança vem de onde menos se espera. Não vem do Banco Mundial ou do FMI ou do G8. Já no tempo de Jesus a notícia da ressurreição chega pelo testemunho das mulheres, elas que, na cultura judaica da época, não eram consideradas como testemunhas fidedignas. O próprio Jesus mostra o valor do aparentemente insignificante. Recordemos como Ele escolhe os discípulos, como sabe olhar os pássaros, o pequeno grão de mostarda, a viúva e a sua pequena esmola, a hemorroísa, os doentes em quem ninguém repara. Há muito para contemplar na descoberta de onde Jesus coloca a sua esperança.

O que esperamos é dom de Deus e não uma conquista ética.

6. Esperar como?

a)- A perspectiva antropológica

Para que a nossa esperança humana não seja uma mera alienação ou uma fantasia é necessário que a proclamemos com as nossas palavras e a demonstremos com os nossos actos . A esperança desdobra-se numa tríplice dimensão: vivência interior, proclamação, acção.

Em termos concretos, a esperança leva-nos a apostar nas grandes utopias da história, no tempo em que nos é dado viver. Nos nossos dias, é particularmente importante sustentar as utopias, por exemplo “mundializar a solidariedade”, defender os direitos humanos.

Seguindo José Maria Mardones, chama-se a atenção para algumas das utopias que merecem interesse e empenho no nosso tempo:

- **Rendimento mínimo garantido para todos.**

O modelo neo-liberal conduziu a uma concentração do rendimento que se traduz em que 23% da população arrecada para si 80% do rendimento enquanto 77% da população fica com apenas 20%. Proclamar o direito ao rendimento mínimo para todos implica mudanças drásticas no nosso estilo e nível de vida e exige um olhar mais solidário e um novo tipo de cidadania mais solidária, mais participativa, mais responsável e mais atenta às necessidades dos outros. Há que recuperar ou desenvolver o sentido ético da vida.

- **A utopia de uma humanidade livre e justa numa terra habitável.**

Existe uma tríade de mal (neo-liberalismo, militarismo e patriarcalismo) que fazem pôr em perigo a vida no Universo. Face a esta situação, são necessárias opções claras e firmes nas nossas vidas pessoais e de comunidade. Há que lutar contra a corrente do preconceito de que é necessário mais ter para ser mais feliz e aprender um relacionamento mais harmónico com as coisas, com os outros, com a vida. Na mesma linha, há que aprender a solucionar os problemas através do diálogo e da concertação em vez do recurso à violência da força bruta. Há que superar todas as formas de discriminação vigentes, sejam elas a raça, o sexo, a classe social e outras. São opções que se colocam no dia a dia e não apenas nos grandes areópagos internacionais e políticos. A envolvente de grande stress em que decorre as nossas vidas não favorece, antes impede ou prejudica, a escuta, o diálogo, a argumentação paciente, a resolução pacífica dos diferendos; há que pacificar o coração como esforço de reconciliação e de paz.

- **A utopia da igualdade e da valoração da diferença.**

Predomina uma concepção piramidal da organização da existência, em que os inferiores servem e os superiores mandam e têm domínio sobre os que estão em baixo da pirâmide. Existe nas nossas sociedades uma tensão que decorre deste processo de dominação e de funcionalidade que não respeita as

diferenças e não as valoriza em si mesmas. Face a esta situação, está-se desenvolvendo uma utopia de multiculturalismo que consiste em respeitar as diferenças sem perder a identidade própria.

Foram apontadas as seguintes pistas de reflexão acerca de possíveis mudanças:

- Aceitar a limitação do crescimento económico e o controlo da utilização dos recursos naturais
- Promover a alteração do padrão de valores que informa a cultura dominante (do ter ao ser e ao encontrar-se com).
- Superar a solidão e o isolamento indesejado.
- Superar os gastos compulsivos.
- Educar os jovens para que descubram novas realidades e a satisfação de fazer algo pelos outros.
- Apostar sempre no diálogo e outras formas pacíficas de resolver conflitos.
- Denunciar os excessivos gastos militares e a indústria das armas e exigir instrumentos para o seu controlo.
- Desenvolver relações baseadas na igualdade e na confiança.
- Promover e experienciar uma cultura pacifista e feminista.
- Promover a utopia da diferença, a consciência do pluralismo e da diversidade.

b)- Perspectiva teológica

Jesus é o homem que soube esperar, em si mesmo, nos outros e em Deus. Ele é o protótipo do homem esperançado. Confiou, apesar do fracasso. Confiou em si mesmo como Filho amado de Deus e por isso sabia que tinha o poder impotente do amor de Deus. Esperou na força do Reino como pequena semente presente na história. Jesus curou alguns, no dizer de Marcos, muitos, segundo Mateus, e todos, na expressão de Lucas. Jesus confiou em que, apesar da cizânia, a boa semente daria o seu fruto. Jesus esperou a radicalidade e comprometeu-se com ela para a melhorar, oferecendo pão, vinho, saúde, perdão, festa.

Esperou nos seus amigos e amigas, apesar da traição, do medo, do abandono e do desencanto.

Depois de vinte séculos, a causa de Jesus continua viva ainda que os seus discípulos/as não sejam nenhum modelo de perfeição.

Jesus esperou que a sua vida teria sentido, ainda que a tenha perdido em favor dos outros. Abandonou a sua vida nas mãos de Deus e Deus o ressuscitou como primícias dos novos céus e da nova terra.

Jesus esperou de maneira activa: caminha pelos caminhos da vida; aproxima-se para ver, tocar, sarar; deixa-se comover; toma o partido das crianças, das mulheres, dos oprimidos.

Mas Jesus não solucionou tudo ...

Toda a Bíblia é um texto de esperança. Há esperança porque há a promessa de Deus. Deus promete e é fiel às suas promessas de aliança e de amor. Na esperança bíblica, cabe destacar os traços seguintes:

- A esperança de Israel que vem desde Abraão, Moisés, os profetas. A esperança de Israel sobrevive às diferentes provações e renasce após cada fracasso.
- O Messias vem como Salvador, de uma salvação que está fundada no amor de Deus e não na força ou mérito do povo (por exemplo, a libertação do temível poder dos egípcios e a manifesta desproporção de forças do povo hebreu para lhes fazer frente).
- A esperança bíblica surge como um excesso, um desbordar do amor de Deus
- No N.T. não aparece a palavra esperança ou esperar, mas aparecem muitas situações que revelam a esperança como atitude fundante: Jesus quer eliminar os medos que paralisam (o inimigo do amor não é o egoísmo é o medo).
- A esperança no N.T. concretiza-se em duas dimensões: no presente, pelas múltiplas referências aos sinais do reino; no futuro, pela visão escatológica.
- A esperança no N.T. é sempre acolhimento do dom gratuito de Deus e, ao mesmo tempo, luta por alcançar esse dom.

Textos para meditar:

- Ro 8,24 esperamos o que não vemos
- Ro 5, 5 certeza baseada no amor de Deus que não engana e não depende da minha realidade subjectiva
- Heb 11,1; 10 a esperança tem fundamento na fé; o conteúdo é sempre Cristo
- Ro 4,18 esperar contra toda a esperança, não como atitude irracional, mas não deixando que a última palavra a tenham os dados visíveis mas a força que os transcende.

7. Maria de Nazaré, mulher da boa esperança

Lucas apresenta a vocação de Maria com o género literário próprio do Antigo Testamento: Deus toma a iniciativa e faz-se presente; Deus comunica uma boa notícia, uma notícia de salvação; Deus convida-a a aceitar a promessa, mas nada se fará sem o seu consentimento; a pessoa sente medo e susto; surgem dificuldades que ultrapassam a situação; Deus resolve as dificuldades, mostrando que a obra é sua; termina com o consentimento (“eis-me aqui ...”) É aqui que começa o caminho da esperança desta mulher judia, membro de um povo de má fama.

Para Maria, o fundamento da esperança é uma promessa – Deus está contigo. Ela sabe que não há situação, por mais desesperançada que seja, onde Deus não possa agir (Isabel está grávida ... a Deus nada é impossível)

Não há nenhuma situação que impeça Deus de amar. O amor oferece-se, mas não se impõe. O sim de Maria foi indispensável para a concretização do plano de Deus.

Maria experimenta todas as dificuldades da situação. Uma e outra vez não compreende (por ex. a perda de Jesus no Templo). A esperança de Maria é sujeita à provação: não é este o filho de Maria? Está fora de si (Mc 3,20-21), está endemoínhado (Mc 3,22), estes são os meus irmãos, minhas irmãs e minha mãe (Mt 3,31-35).

Maria manifesta uma esperança activa, às vezes equivocada, como pode suceder connosco.

Face à dificuldade e ao sofrimento, Maria reforça a sua confiança (firmeza em permanecer junto à cruz).

Maria situa-se no meio da comunidade dos discípulos; depois da morte de Jesus; ela aí está orando, esperando e recebendo o Espírito da promessa.

Não foi fácil para Maria esperar contra toda a esperança, mas a sua firmeza em permanecer, a sua fé para acolher e a sua liberdade para aceitar e amar, é um modelo para o nosso caminhar através da história.

Julho 2002
Manuela Silva